



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

AMANDA CATHERINE PEREIRA BEZERRA

**O CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO DISTRITO  
FEDERAL E O COMBATE AO RACISMO**

BRASÍLIA - DF

2023

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO**

AMANDA CATHERINE PEREIRA BEZERRA

**O CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL E O COMBATE AO  
RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: Profa. Dra Catarina de Almeida Santos.

BRASÍLIA-DF

2023

# **O CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL E O COMBATE AO RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada.

**Aprovado em:**

---

Profa. Dra. Catarina de Almeida Santos – PGE/FE/UnB  
Orientadora

---

Profa. Dra. Andréia Mello Lacé – PGE/FE/UnB  
Examinadora

---

Profa. Mestra Gina Vieira Ponte de Albuquerque - SEEDF  
Examinadora

---

Profa. Dra. Danielle Xabregas Pamplona Nogueira - PGE/FE/UnB  
Suplente

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cc	<p>Catherine Pereira Bezerra, Amanda O Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal e o combate ao racismo / Amanda Catherine Pereira Bezerra; orientador Catarina de Almeida Santos. -- Brasília, 2023. 32 p.</p> <p>Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2023.</p> <p>1. Currículo em Movimento. 2. Combate ao Racismo. 3. Educação Infantil. I. de Almeida Santos, Catarina, orient. II. Título.</p>
----	---

## AGRADECIMENTOS

Gratidão à Deus e à espiritualidade pela oportunidade de poder sonhar.

Gratidão aos meus ancestrais que abriram os caminhos para que hoje eu pudesse me formar em uma das melhores universidades públicas da América Latina, a UnB.

Gratidão à minha orientadora Catarina, primeiro por me servir de inspiração profissional e pessoal, segundo pela paciência, cumplicidade e enorme empatia durante a minha fase de escrita. Nunca me esquecerei das ricas trocas que tivemos.

Gratidão a minha mãe Luiza por ter sido meu alicerce, força e segurança durante toda a minha vida e minha fonte de inspiração para concluir o curso.

Gratidão ao meu pai Carlos pelo impulso a me tornar uma pessoa cada dia melhor, pelos sábios conselhos e por sempre me incentivar a estudar.

Gratidão à minha irmã Giselly que desde que nasci me dá suporte para tudo e qualquer coisa. Minha fonte de força inesgotável.

Gratidão ao meu companheiro Arthur, meu incentivador incansável, que me cuida, apoia e me deu a assistência necessária para chegar até aqui. É bem mais divertido viver o processo com você por perto.

Gratidão àquela que apareceu de surpresa, mas que já está colocando a minha vida de “cabeça para baixo”. Eloá, minha filha, que sua vida seja bênção e que você seja, acima de tudo, feliz. Que essa minha conquista te encoraje a conquistar tudo aquilo que seu coração desejar. Que você sonhe alto e grande, porque assim como eu, você também pode! Estarei sempre aqui por você.

Gratidão à minha amiga Caroline Beatriz, pela amizade e amparo que me deu durante todo o curso. Essa conquista é também para você.

E, por fim, gratidão a todos os meus colegas e professores que marcaram a minha vida e que fizeram o meu processo ser infinitamente melhor dentro da universidade.

## MEMORIAL

Meu nome é Amanda Catherine, filha caçula de Luíza e Carlos, nascida na cidade do Gama, Distrito Federal, em 1998, atualmente tenho 24 anos. A minha gestação foi interrompida aos 6 meses devido a complicações de saúde da minha mãe. Apesar da interrupção da gravidez de modo precoce, eu nasci sem grandes problemas e não precisei ficar na incubadora e recebi alta do hospital primeiro que minha mãe. Lembrar disso me faz pensar que desde o meu nascimento luto pelo meu direito de viver e, hoje, luto pelo meu (e de quem mais quiser) direito a viver com dignidade e respeito. Tenho dois irmãos mais velhos: Marcos, de 32 anos, irmão somente por parte de mãe, nunca moramos juntos e ele tem duas filhas lindas Lauany e Luise, e Giselly, de 29 anos, a irmã que dividiu comigo o mesmo teto, os brinquedos, as roupas e o prato de comida desde que nasci.

Morei no Gama até os meus 23 anos de idade e, durante esse tempo, mudamos de casa quatro vezes. Minha infância foi muito feliz e simples, sem muitos privilégios e luxos. A primeira casa que me recordo de morar foi uma que tinha apenas um cômodo, era um lote com quatro quartos separados e banheiro coletivo do lado de fora. Lembro que nossos móveis, roupas e eletrodomésticos ficavam todos amontoados por conta da falta de espaço, e eu, minha irmã, minha mãe e meu pai dormíamos em uma mesma cama de casal. Moramos nesse quarto durante 2 anos e não tenho mais tantas recordações do que vivemos naquela época.

Passados esses dois anos, meus pais conseguiram alugar uma outra casa maior e mais confortável, essa tinha 4 cômodos e o banheiro era dentro de casa. Foi nessa casa que comecei a ir para escola, que aprendi a ler e que conheci grandes amigos de infância. Ficamos ali entre 3 e 4 anos e depois mudamos para outra casa na qual vivemos por 12 anos, nessa casa eu e minha irmã ganhamos nosso primeiro quarto compartilhado, só para nós duas. Foi enquanto morei nessa casa que finalizei o ensino fundamental I, comecei o ensino fundamental II, iniciei o primeiro emprego como babá aos 12 anos de idade cuidando do pequeno Daniel que tinha 3 anos na época, finalizei o ensino fundamental II, comecei o ensino médio, iniciei meu primeiro estágio que foi na Caixa Econômica Federal no qual estagiei durante 2 anos, formei no ensino médio e entrei para o curso de Pedagogia na UnB. Em 12 anos morando em uma mesma casa eu me vi saindo da infância, vivendo a adolescência e entrando na vida adulta. Em 2018, no meu quarto semestre estudando na UnB, com as economias da minha irmã mais velha e com uma oportunidade muito boa que nos apareceu, conseguimos financiar um apartamento no gama. Um apartamento pequeno, mas foi a nossa primeira casa arejada, que tinha laje no teto e cerâmica no chão, a felicidade era imensa.

Minha mãe sempre trabalhou muito, mas só conseguiu um emprego com carteira assinada com quase 40 anos. Me recordo dela me levando para o trabalho quando eu ainda era bem pequena, ela trabalhava em casas de família fazendo faxinas. O meu pai também demorou a conseguir um emprego com carteira assinada, mas sempre que surgia alguma oportunidade ele trabalhava para conseguir alguma renda.

A vida nunca foi fácil no lugar onde vivi, mas como sou grata pelo esforço da minha mãe e pai para nunca nos deixar faltar comida e um lar para morar.

## **Vida Escolar**

Comecei a vida escolar com 6 anos, em 2004, na Escola Classe 03 do Gama, lembro-me de ser sempre muito proativa e querer ser a primeira da classe. Minha primeira professora se chamava Patrícia da Silva, foi com seu jeito doce de ensinar que eu conheci as letras, os números e a formar pequenas sílabas, confesso que não lembro muito bem do seu rosto, mas ainda consigo lembrar da voz, das vezes que me pegou em seu colo e da dedicação que ela tinha em nos ensinar.

Em 2006, quando já tinha 8 anos, continuei a jornada com uma professora que marcaria minha vida para sempre, a professora Gracilane de Souza, foi com ela que aprendi matemática e melhorei em cem por cento minha leitura. Recordo que ela começou um projeto que se chamava “Projeto Pequenos Leitores”, esse projeto era voltado aos alunos para incentivar a leitura e a imaginação, assim, cada um ficava responsável por um livro de história ou uma pequena peça e, em uma determinada data, todos deveriam apresentar para a escola inteira. Eu fiquei responsável pelo livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, que conta a história de um coelhinho branquinho que tinha como sua tutora uma criança negra e ele fazia de tudo para ficar da cor dela, porque achava lindo. Nos dias que eu apresentava, minha mãe me produzia igual a personagem do livro, enchia meu cabelo de tranças e colocava fitinhas nas pontinhas do cabelo, lembro que os professores gostaram tanto da minha apresentação que me levaram para apresentar em uma outra escola no gama que era exclusiva para crianças com necessidades especiais, foi incrível e eu me senti muito valorizada. Contar essa história várias e várias vezes fez eu me sentir a própria “menina bonita do laço de fita”, arrisco dizer que foi nessa época que reconheci a minha pele como preta e percebi que existem diversos outros tons de pele.

Foi também nessa época que participei de um programa educativo do governo que consistia em levar as crianças da minha escola que tinham uma renda baixa ao Serviço Social

do Comércio (SESC), três vezes na semana, no horário contrário à aula para realizarmos atividades como nataçãõ, caratê, aulas de música, educação física e etc.. Eu amava e eram os meus dias preferidos da semana.

Sempre fui uma criança que tinha muita facilidade para aprender, sempre estava “à frente” nas atividades, no livro didático, na leitura e nas operações matemáticas. Eu amava aprender e sentia que eu precisava saber mais do que todos. Dessa forma, todos os dias em casa eu estudava, refazia algumas lições que tinham sido passadas na escola e adiantava algumas atividades dos livros didáticos.

No meu último ano do ensino fundamental I eu comecei a perceber e a sentir na pele os impactos de ser uma criança preta. Minhas melhores amigas eram duas crianças brancas de aparência “padrão” e eu comecei a me sentir muito mal porque percebia que os elogios dos professores, da diretora, dos pais das outras crianças eram sempre destinados à aparência, aos cabelos e ao corpo delas. Lembro de um dia que a direção liberou os alunos a irem sem uniforme pois iríamos comemorar o dia das crianças e eu me preparei a semana inteira, pensei na roupa mais bonita pra ir, pedi para minha mãe fazer o penteado que eu me achava linda, me perfumei inteira e acabei o dia letivo chorando no banheiro e só conseguia pensar que nem com a minha melhor roupa eu conseguia um elogio de alguém falando que eu estava bonita. Foi exatamente neste dia que eu pensei todas as vezes que me sentei para escrever este artigo.

O meu Ensino Fundamental II começou em 2010, no Centro de Ensino Fundamental 03 do Gama, eu era uma criança com 12 anos de idade cheia de curiosidade para saber como seria ter várias aulas no dia, com mais de um professor e em uma escola nova. Não tenho tantas recordações dessa fase, mas as que tenho são as melhores possíveis, continuei com os amigos da escola antiga e fiz novas amizades, eu continuava muito dedicada nas tarefas e me esforçava muito para absorver o máximo de conhecimento possível, colecionava certificados de “aluna destaque” que ganhava todo bimestre.

Em 2014, começou mais uma fase da minha vida escolar, mudei de escola novamente, agora iria estudar no Centro Educacional 06 do Gama, começando o ensino médio que foi marcado como sendo um dos anos escolares mais tranquilos que tive, minha escola não costumava preparar os alunos para as provas dos vestibulares que acontecem no final do ano, se os alunos quisessem estudar o conteúdo que caíria no vestibular, na maioria das matérias, exceto química, matemática e biologia, teria que estudar sozinho ou, se tivesse condições, que não era meu caso, poderia pagar algum cursinho preparatório. Lembro que durante os três anos que estudei lá, em nenhum dos anos eu tive o privilégio de ter todos os professores em todos os bimestres, sempre faltava algum em alguma época do ano, ou porque acabava o contrato ou



porque saíam de licença e poucas vezes eram substituídos no mesmo bimestre. Não fazia ideia do quanto isso faria falta na minha formação.

No meu primeiro dia de aula no ensino médio me recordo que na minha primeira aula do dia, que era uma aula de Português, a primeira pergunta que o professor fez para a turma foi: “você quer fazer faculdade? Se sim, qual?”, cada aluno foi respondendo e quando chegou na minha vez eu falei muito empolgada que queria cursar Direito e ele prontamente me respondeu: “Direito? Você sabe que tem que estudar muito, né? Conhecendo esses alunos do Gama o máximo que eu acho que vocês podem chegar é servindo o meu café na padaria ou lavando o meu carro no sinal”. A minha voz embargou com vontade de chorar, mas não conseguimos ter nenhuma reação. Foi uma frase que ouvi no meu primeiro dia do meu ensino médio que fez com que eu fosse parando aos poucos de colocar expectativas no meu futuro.

O meu primeiro ano finalizou e eu continuava sem saber a diferença entre PAS<sup>1</sup> e Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), eu acreditava que os dois eram a mesma coisa então estava decidida a fazer somente o ENEM no segundo ano para treinar e no terceiro ano para tentar entrar em algum curso em alguma faculdade particular. Entrar na Universidade de Brasília (UnB), nunca foi o meu sonho, pois eu achava impossível e totalmente fora da minha realidade, para começar eu nem sabia como chegar na universidade, nunca tinha visitado nenhum campus. Resumindo, não fiz a primeira etapa do PAS.

No primeiro bimestre do meu segundo ano do ensino médio enquanto estava fazendo uma atividade social com pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social, conheci um professor de história enquanto ele conversava com uma de suas alunas (que também estava na atividade social) sobre uma questão do PAS que ela estava com dúvida. Eu, como boa curiosa que sou, fiquei prestando atenção e ele me chamou para a conversa perguntando se eu havia feito a prova do PAS e eu disse que faria somente o ENEM no próximo ano. Pois bem, recebi uma verdadeira aula dele e nesse dia descobri a importância de fazer o PAS mesmo tendo perdido a primeira prova. Me inscrevi, paguei a taxa de cento e vinte reais com muito custo pois não estava conseguindo isenção e a data limite para se inscrever estava chegando e eu não queria correr o risco de perder novamente a prova. E assim foi, fiz a prova no final daquele ano e saí muito contente por ter tentado, respondi todas as questões, chutei várias pois não sabia que poderia deixar em branco mas, mesmo assim, obtive uma nota muito boa

---

<sup>1</sup> Programa de Avaliação Seriada (PAS) é um processo seletivo da Universidade de Brasília realizado ao longo de três anos consecutivos durante o ensino médio.

O meu terceiro ano foi o mais tranquilo de todos, fiquei sem professor de biologia por quase dois bimestres, sem professor de química por quase um bimestre e paralelamente eu estava estagiando e ainda estava enfrentando a pior fase da minha família que foi a época que minha mãe estava lutando contra um câncer no intestino. Esse foi um ano de muitos aprendizados e crescimento pessoal, mas, em contrapartida, não me preparei para os vestibulares, não tinha rotina de estudos pois não tinha tempo e nem disposição para tal, mas fiz as provas no final do ano assim mesmo. Lembro que saí da prova do PAS chorando de decepção pois tinha achado muito difícil, fui o caminho de volta para casa muito triste e com as expectativas zeradas de conseguir entrar na UnB, principalmente por não ter realizado a prova da primeira etapa.

E foi quando o ano de 2017 começou com uma surpresa muito boa e eu recebi uma das melhores notícias que tive na vida: passei no vestibular da UnB! Como eu havia dito, eu não esperava passar, então nem olhei o resultado, recebi a notícia através dos meus amigos. Foi uma euforia, minha família se emocionou e ficou muito orgulhosa, afinal, eu fui a primeira da família a conseguir passar em uma faculdade federal e agora a segunda da família prestes a obter um diploma de ensino superior.

Em março daquele ano começaram as aulas, tive bastante dificuldade com a maioria das matérias, tudo era muito novo para mim, o meu ensino médio foi muito defasado e eu sentia que não estava preparada para estar em uma universidade. Precisei de muitas conversas com outros alunos e professores até me sentir merecedora de estar aqui, em uma das melhores universidades da América Latina, e hoje sinto muito orgulho de estar finalizando mais essa etapa na minha vida acadêmica.

Desde o início da graduação me identifiquei muito com as áreas de educação infantil e gestão escolar. Em 2019 fui convidada para fazer parte de um grupo de pesquisa científica sobre Evasão na Universidade de Brasília, foi extasiante e desafiador o período de análise e escrita do artigo e, ao mesmo tempo, foi extremamente gratificante e engrandecedor contribuir com a pesquisa dentro do curso que eu estava aprendendo a amar.

A chegada da pandemia e retomada das aulas de modo remoto foi um período muito difícil. Perdi pessoas que amava para a doença e nos primeiros meses vivia em constante medo e preocupação com meus pais e a UnB acabou ficando em segundo plano. Eu demorei para conseguir me recuperar desse período e conseguir retomar os estudos como antes, mas hoje consigo reconhecer que esse tempo de recuperação foi crucial para a minha retomada pois agora consigo dar o melhor de mim para essa fase final da graduação, como eu sinto que ela merece.

Ao longo dos anos da graduação tive o privilégio de aprender com profissionais que marcaram positivamente a minha vida para sempre, em especial minha orientadora Catarina de Almeida, que foi e é minha fonte de inspiração, mulher preta, que luta por uma educação de qualidade para todos e uma das pessoas mais inteligentes que tive o prazer de escutar palestrando. Além dela, outras grandes mulheres da educação como Andreia Mello, Danielle Xabregas, Ana Rita, Caroline Bahniuk muito me inspiraram e motivaram, às vezes até sem saber, ao longo desses anos.

Agora, chegando ao fim dessa fase, mais uma grande surpresa: estive em duplo processo de gestação durante semanas! Em meu ventre a pequena Eloá vem se formando e a minha graduação está, após longos anos, finalmente nascendo! O sentimento que prevalece é gratidão pela educação ter mudado a minha história e por estar finalizando essa fase com uma força maior dentro de mim. Meu desejo é contribuir na minha profissão ajudando a mudar/construir diversas outras histórias e mostrar para a minha filha que a educação também é uma arma poderosa para romper barreiras sociais e realizar sonhos. O fim, neste caso, é só o começo!

# **O CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL E O COMBATE AO RACISMO**

Amanda Catherine Pereira Bezerra  
Profa. Dra. Catarina de Almeida Santos

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar o Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, buscando apontar se o combate ao racismo aparece como tema a ser trabalhado nessa etapa da educação básica e a partir de quais propostas. A metodologia escolhida foi análise documental do Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal em fonte primária e referências teóricas que dialoguem com o tema proposto. De acordo com os resultados do estudo realizado, observou-se que o tema combate ao racismo está presente no documento em algumas de suas categorias de aprendizagem, apesar de pouco explorado para a relevância social que tem.

**Palavras-chave :** Currículo em Movimento; Educação infantil; Racismo

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze the Curriculum in Movement for Early Childhood Education in the Federal District, seeking to point out whether the fight against racism appears as a topic to be worked on at this stage of basic education and based on what proposals. The chosen methodology was a documentary analysis of the Federal District's Early Childhood Education Curriculum in Movement in primary source and theoretical references that dialogue with the proposed theme. According to the results of the study carried out, it was observed that the theme of combating racism is present in the document in some of its learning categories, despite being little explored due to its social relevance.

**Keywords:** Curriculum in Motion; Child education; Racism

## **Introdução**

O Currículo em Movimento do Distrito Federal da Educação Infantil, estruturado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), é um documento que aponta eixos norteadores para as atividades docentes dentro das instituições de ensino a fim de aperfeiçoar e oferecer uma educação básica de qualidade a todas as pessoas. Este documento necessita de constante reformulação para se manter atualizado diante das diversas mudanças sociais e leis educacionais que vão sendo aprovadas e ou alteradas ao longo dos anos, para garantir, dessa forma, uma gestão educacional democrática no sistema de ensino (DISTRITO FEDERAL, 2018). A última reformulação do currículo em movimento foi em 2018, após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os pressupostos teóricos e a base teórico-metodológica do Currículo em Movimento em questão são: Teoria Crítica e Teoria Pós-Crítica, Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico-Cultural (DISTRITO FEDERAL, 2013). Essas teorias embasam uma educação que busca trabalhar a construção identitária do educando levando-o à uma educação emancipatória, com autonomia e respeito à diversidade, além de ter o papel de educar respeitando a individualidade de cada estudante, considerando o contexto social em que vive, a sua história de vida, a sua raça e etnia, as condições econômicas a qual está inserido e que promova uma educação que valorize, sem distinção, todas as culturas sem que haja uma hierarquização.

Dessa forma, o Currículo em Movimento tem se tornado um dos principais documentos utilizados no processo educacional, visto que ele aponta e define os principais conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Conteúdos esses que, segundo Silva (2003, não são resumidos a comuns instruções, mas que envolvem idealizações, relações de poder, interesses, necessidades coletivas e individuais, trajetórias e etc.. Assim sendo, pode-se dizer que a função do currículo e do professor mediador é despertar e estimular nos educandos uma postura crítica para que não fiquem presos em uma “bolha” social e conheçam a riqueza da pluralidade histórico-cultural do país. (Silva, 2003).

Frente ao exposto e com base nas premissas do Currículo em Movimento, a escola deve ser um lugar de valorização das diversidades raciais, étnicas e culturais e parte significativa na luta do combate ao racismo e a todo tipo de preconceito enraizado na sociedade. Sabemos que, no Brasil, infelizmente, ainda existe uma imensa desigualdade racial entre brancos e negros, herança histórica resultante do colonialismo e dos mais de trezentos anos de escravidão, por conta disso, faz-se mais que necessário a implementação de uma educação antirracista desde a educação infantil.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB), em seu artigo 26A, resultante da alteração feita pela Lei 10.639, alteração essa de extrema importância para a construção de uma educação antirracista, define no seu art. 1º a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados. Segundo a Lei:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” (BRASIL,2003)

Apesar da lei enfatizar a obrigatoriedade somente os ensino fundamental e médio, é de concordância que para combater o racismo e promover a valorização da formação identitária negra, não existe uma faixa etária ideal, é necessário que tais conteúdos sejam abordados e trabalhados desde a primeira infância, não do jeito que menospreze e que reconheça os pretos e sua filiação somente como ex-escravizados, mas que os enxerguem enquanto indivíduos de direitos, sujeitos históricos e sociais que construíram e constroem o país e suas riquezas, e que, conseqüentemente enriqueceram e enriquecem a cultura brasileira. E isso é possível com a construção de um currículo que consiga promover e incentivar essas temáticas nos campos de experiência presentes no documento oficial.

O período da educação infantil, primeira infância, é uma fase bastante singular, tendo em vista ser o período escolar onde as crianças começam a se reconhecer como indivíduos sociais e compreendem o modo de ser e estar no mundo, o que torna o processo de desenvolvimento tanto no âmbito escolar, como no âmbito da vida em geral muito significativo. É neste período que a criança compreende o seu modo de ser e estar no mundo, tanto como ser individual quanto coletivo. Desta forma, ter uma educação antirracista já nesta fase da vida auxilia, indescritivelmente, tanto a criança preta a ter uma formação identitária positiva, tanto a criança não preta a ter respeito e valorizar à diversidade existente na sociedade global.

Portanto, no presente artigo, busca-se responder a seguinte pergunta: A temática do racismo se faz presente no Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, de que forma e o que aponta para combatê-lo? Nesta pesquisa, iremos discutir o Currículo em Movimento de forma ampla, abordando a etapa da Educação Infantil tal como está descrita no documento, também discutiremos acerca da especificidade da Educação Infantil, bem como

os avanços que conquistamos nesta área e, por fim, analisaremos as competências e habilidades do Currículo da Educação Infantil atinentes à uma Educação Antirracista.

Na coleta de dados da presente pesquisa, foi realizada uma análise documental do Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal. Em síntese, este trabalho tem como objetivo analisar o Currículo em Movimento da educação infantil do Distrito Federal, buscando apontar se a questão do racismo aparece como tema a ser trabalhado nessa etapa da educação básica e a partir de quais propostas.

### **Problematização do racismo no espaço escolar no Brasil**

Segundo Sant’Ana (2005), o racismo surgiu através da dominação e colonização de países europeus em busca de mão de obra barata através da exploração dos povos colonizados, o que, obviamente, gerava mais poder e acúmulo de riquezas para o colonizador que, se considerando superior, se achava no direito de escravizar, roubar, desrespeitar e destruir culturas, apagar identidades e prejudicar a economia dessas sociedades.

O racismo, durante muito tempo, foi pautado pelas obras de diversos historiadores que disseminavam em seus escritos a ideia de que pessoas brancas eram uma raça superior às demais e “desfiguravam completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 1986, p.9). Tais ideias serviram para justificar a colonização e escravidão dos povos pretos e indígenas durante séculos.

O processo de colonização e a lógica colonial, ainda em curso, continua provocando impactos violentos nas sociedades ao redor do mundo, sobretudo na vida de pessoas pretas e indígenas (BALLESTRIN, 2017). A ideia de domínio e supremacia branca concomitante com as atitudes de limitar o lugar do negro na cadeia social, foi se estruturando de tal forma que hoje, muitos anos depois, a população preta e indígena ainda tem a necessidade de lutar por direitos fundamentais, furar barreiras sociais, lutar por políticas públicas eficientes para adentrar espaços que são também desses indivíduos por direito. (ALMEIDA, 2019)

O racismo estrutural está impregnado em todas as estruturas da sociedade, inclusive no âmbito educacional. Atitudes do racismo estrutural podem vir de todos os lados nas escolas, como, por exemplo, dos coordenadores que não se preocupam em oferecer aos seus professores cursos de preparação docente sobre educação étnico racial, dos diretores que não fazem questão

de planejarem, juntamente com a equipe pedagógica, um calendário escolar que envolve estudos sobre importantes figuras negras da história, dos professores e auxiliares pedagógicos que, por muitas vezes, depositam menos expectativas quanto ao rendimento do aluno preto em detrimento ao rendimento do aluno branco ou que, cotidianamente, reforçam estereótipos do negro e atuam constantemente como mantenedor do racismo estrutural.

A escola, que tem o papel importantíssimo na educação dos alunos, deveria ser o local onde mais se vê a luta do combate ao racismo acontecendo, haja vista que são instituições formadas com público plural, onde encontramos sujeitos de todas as cores, credos, formas, tamanhos, identidades e culturas. Mas, ao invés disso, o que vemos são instituições de ensino que insistem em fortalecer uma educação eurocêntrica que mais reproduz o racismo do que o combate. À vista disso, não há como negar que o atual sistema brasileiro de ensino ainda reforça uma educação que não valoriza a riqueza da diversidade do povo brasileiro, que trata a cultura do povo negro quase como lenda onde só é lembrado uma vez por ano, muita das vezes trazido à tona como comemoração ao invés de questionamento, no dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra (SANTOMÉ, 2013). Como se não bastasse, trazem o debate apenas sob o viés negativo da colonização, remetem somente à escravidão e serventia, o que, logicamente, não deve ser deixado de lado pois é importante contar essa parte da história também, mas o ponto crucial está em ressaltar que a população preta não é resumida a essa parte cruel do passado, é contar também sobre a riqueza da influência da cultura africana no Brasil, em como a diversidade e pluralidade existente no país fez com que nos tornássemos o que somos hoje enquanto sociedade, o quanto valorizar a diversidade humana é importante e ensinar que os negros também foram e são reis e rainhas, filósofos, matemáticos, gênios, escritores e que a hierarquização de culturas é incongruente, pois todas apresentam papéis importantes para coletividade.

A violência do racismo institucional pode deixar sequelas severas nas crianças pretas e indígenas que, por serem invisibilizadas, não se reconhecem. Não se reconhecem porque nos murais da escola não há estampado ninguém como ela, não se reconhecem porque nas histórias infantis que elas ouvem, não há nenhum protagonista com as características dela, não se reconhecem porque o corpo considerado belo na sociedade, não é o dela, não se reconhecem porque ela é constantemente silenciada e, por isso, não se enxerga. Como essa criança pode aprender, se ela é invisível? Quais caminhos estão sendo estabelecidos na educação para que haja uma equidade na educação de brancos, negros e indígenas no país?

Concorda-se que, assim como as pessoas brancas, a população preta e indígena também possuem o direito de se sentirem representadas positivamente na história, onde a



formação da sua identidade não fosse fomentada somente pelo viés de pessoas brancas que replicam um discurso eurocêntrico, mas que tenham a oportunidade de conhecer a história de seus ancestrais por um viés positivo, contado pela visão dos próprios pretos e indígenas, valorizando esses sujeitos, sem que haja o reforço de estereótipos onde sua cultura é menosprezada ao invés de valorizada. Para que isso se torne cada vez mais presente, é de suma importância que o lugar de autores e autoras dos documentos oficiais da educação, sejam cada vez mais ocupados por homens e mulheres negros e indígenas, para que contribuam com seus saberes e conhecimentos em todas as áreas e que a base da educação seja proposta também sob a perspectiva deles.

Recentemente, viralizou nas redes sociais o vídeo de uma professora de história perguntando aos seus alunos do 5º ano do ensino fundamental, qual era a visão que eles tinham sobre o continente africano. No vídeo, após essa pergunta, as crianças prontamente responderam coisas como: escravidão, fome, pobreza e doenças, ou seja, atribuíram somente características pejorativas mostrando que todo o conhecimento que eles tinham adquirido até então, a respeito do continente africano, eram relacionados à coisas negativas. Tempos depois e após algumas aulas destinadas ao estudo do continente africano, a mesma professora perguntou aos mesmos alunos o que vinha à mente deles quando ouviam falar sobre continente africano e, dessa vez, as respostas foram bem diferentes, as crianças responderam coisas como: vasto conhecimento sobre agricultura, continente rico em sal, rico em ouro, resistência e cultura, religião, iorubás, berço da ancestralidade, enfim, dessa vez as crianças apontaram características positivas graças ao conhecimento que obtiveram através da professora que fez questão de contar a história por outra perspectiva que não a do colonizador. Este vídeo, apesar de não ser retratado na educação infantil, que é o seguimento foco deste trabalho, traz à tona uma reflexão sobre quantos espaços e caminhos fantásticos abriríamos para as nossas crianças pretas e indígenas se elas fossem constantemente empoderadas e que conseguissem ver sob outra ótica a história de seus ancestrais.

Para isto, faz-se necessário a construção de um currículo educacional da educação infantil que defenda e legitime a ideia de que para a sociedade avançar, é necessário incluir temas e conteúdos sobre respeito à diversidade étnica e valorizar a pluralidade de culturas existentes no Brasil trazida pelos povos originários indígenas, e a cultura africana bem como exista ações de combate ao racismo nas escolas. É importante que os alunos aprendam que a diversidade é boa e que ela enriquece e valoriza a cultura do país.

## **A Educação Infantil**

A Educação Infantil no Brasil e ao redor do mundo não foi sempre como conhecemos hoje, na realidade precisamos de centenas de anos para reconhecer e estruturar a infância e a educação infantil como é na atualidade. E, apesar de hoje o direito à educação no Brasil ser protegido constitucionalmente, pode-se considerar que esta é uma conquista popular tida como recente pois, durante séculos, a infância foi negada e não era categorizada socialmente como vemos hoje. Primeiro, acreditava-se que as crianças eram adultos em miniatura que se vestiam e poderiam trabalhar como tal, a infância era tratada como uma fase qualquer da vida que não precisava de tanta atenção e que logo passaria. De acordo com Philippe Ariès:

A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÈS, 1981, p.10 apud RODRIGUES, M F p.31)

Após essa fase, Faria (1997) destaca “que a transição do Feudalismo para o Capitalismo na Europa Ocidental acarretou grandes alterações nas relações sociais que refletiram na organização familiar, escolar e no sentimento de infância” (apud Rodrigues, M F p. 32), dessa forma, a criança que antes era um “mini-adulto”, passou a ser considerada um ser angelical, extremamente puro, sem ambições e que tinha a necessidade de ser cuidada e ensinada moralmente por alguém que detinha esse saber, foi nesta época que as primeiras instituições de ensino destinadas às crianças surgiram, elas eram dominadas pela igreja católica e o ensino se dedicava à moralidade.

A partir do século XVIII, a chegada da Revolução Industrial motivou ainda mais a criação de novas instituições de ensino, primeiro para que os adultos conseguissem trabalhar em tempo integral, nessa época a escola tinha caráter assistencial e, depois, pela necessidade da formação de mão de obra qualificada. Essas novas instituições tinham o foco em ensinar para além da moralização cristã, as escolas usavam o método tradicional de ensino e as crianças eram constantemente punidas fisicamente perante o seu “erro”. Diante disso, percebe-se que durante muito tempo na sociedade a criança não foi vista como sujeito de direitos, no Brasil e, somente em 1988, com a aprovação da Constituição Federal, que o direito à educação na infância se aparece de forma mais efetiva. A história da educação infantil no Brasil foi longa

até chegarmos à educação que conhecemos hoje que, por certo, ainda há muito o que melhorar, mas que, pelo histórico de mudanças positivas, nos dá confiança de que estamos no caminho do progresso. Vale ressaltar também que, para além da história geral da concretização do direito à educação infantil no Brasil, é necessário ter consciência que este país foi fundado na escravização do povo negro e na negação dos seus direitos fundamentais, então, para as crianças pretas, a solidificação do direito à educação é mais complicado ainda, haja vista que, até hoje, a desigualdade racial no país é alarmante.

O campo de experiência intitulado de “Educação Infantil para quê?” do Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, dedica-se a explicar o porquê a educação infantil é importante e quais aspectos subsidiam o tema desta pesquisa de combate ao racismo. Gabriel Santos, autor deste campo de experiência, enfatiza que a Educação Infantil não é de caráter “assistencial”, pois é fundamentada pelos direitos de aprendizagem voltados às necessidades das crianças a fim de mediar o desenvolvimento integral (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Entende-se por desenvolvimento integral, um desenvolvimento que abarca o físico, social, psicológico e intelectual. Tal desenvolvimento só é possível mediante interações, por meio do uso de “instrumentos e signos, as pessoas se humanizam, são modificadas pela cultura e a modificam, numa relação dialética” (DISTRITO FEDERAL, 2018,p.20). Tais perspectivas enfatizam também a constituição da individualidade a partir da coletividade. Dessa maneira:

A constituição da sociedade deve ser permeada pelo pleno respeito às crianças, em constante processo de valorização do protagonismo infantil, com a garantia de diferentes formas de sua participação, tanto no planejamento como na realização e avaliação das atividades que elas participam no contexto da instituição que oferta Educação Infantil. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.21)

Compreende-se, dessa forma, a importância do respeito da sociedade pela individualidade da criança. Crianças pretas, indígenas e brancas devem se sentir valorizadas e protagonistas do seu próprio mundo, participando das atividades e sendo influenciadas a cada dia mais se reconhecerem enquanto sujeitos ativos que possuem voz, direitos e necessidades no corpo social a qual está inserida.

Solange Jobim, em sua contribuição no caderno 2 do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), expressa dizendo que a criança “constrói a consciência de si a partir dos conteúdos sociais e afetivos que esse olhar e essas palavras lhe revelam”, ou seja, as palavras e olhares que destinamos às nossas crianças podem ter forte interferência na

construção da sua autoestima. Partindo dessa premissa, vale o questionamento: de que forma estamos olhando para nossas crianças, especialmente crianças pretas e indígenas? Estamos enxergando nelas o verdadeiro potencial que elas carregam em si? Valorizamos as suas vozes e damos a devida importância para as suas contribuições? De que forma o currículo em movimento atua para estimular os educadores para que isso aconteça?

### **O Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal e o combate ao racismo**

O Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, mais especificamente a segunda edição lançada no dia 04 de dezembro de 2018, como dito anteriormente, é o documento oficial norteador para as instituições de educação infantil do DF. Para averiguar de que forma a temática do combate ao racismo se faz presente no documento e quais ações são estimuladas, optou-se por analisar os campos de experiência propostos no currículo e averiguar em quais deles existem moções para combater o racismo dentro das escolas, especificamente, na área de educação infantil. Por meio desta análise verificou que, embora ainda seja de maneira genérica, observou-se que o tema combate ao racismo está presente no documento em alguns campos de experiências, são eles: “O Distrito Federal e suas crianças: um olhar à diversidade cultural das infâncias”, “Crianças e infâncias (com)vivendo na Educação Infantil”, “Eixos integradores do currículo da Educação Infantil”, “Organização do trabalho pedagógico”, “Por uma educação inclusiva e acolhedora”, “O mundo infantil imerso em campos de experiências”, “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gesto e movimentos”.

O documento traz à tona questões de pertencimento, ele nos faz pensar sobre a importância de estimular na criança o senso de se sentir parte à comunidade onde vive, à escola onde estuda, ao seu lugar de origem, conhecer a sua história, a sua cultura, o lugar onde mora e perceber as diferentes culturas existentes. O currículo também menciona autores como o sociólogo Willian Corsaro que salienta a importância de que, para além do trabalho de desenvolvimento cognitivo e estrutural na primeira infância, é necessário dar a importância devida ao sentimento de pertencimento social. É com o sentimento de pertencimento estimulado desde a primeira infância que as crianças se sentirão aceitas e incluídas em seu local de convívio.

Dessa forma, destaca-se que:

[...] a intencionalidade do trabalho educativo com crianças das mais diversas culturas deve estabelecer vínculos com seus valores culturais, sociais,

históricos e econômicos de suas comunidades, onde a instituição que oferta Educação Infantil se estabelece como “um espaço de diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade social das crianças[...] (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.15)

Ou seja, é preciso que os educadores pensem em estratégias que estimulem nas crianças a criação de vínculo com o próprio corpo e com o meio a qual está inserido, bem como com a sua cultura e sua história. “A educação infantil é o diálogo entre o conhecimento escolar e a realidade social da criança” (DISTRITO FEDERAL, 2018a, p. 23). Sendo assim, o educador deve ter um olhar atento para perceber quais os tipos de infâncias presentes na turma, quais as “diversas culturas” que a região comporta, desprendendo-se da incumbência de ensinar coisas que não fazem parte da vida do educando, trazendo conteúdos, histórias, imagens e valores que pouco tenham a ver com a vida e o ambiente desses alunos. O senso de pertencimento social é de extrema importância para a construção da identidade na primeira infância.

Para as crianças negras e indígenas, o currículo faz um complemento específico, alertando para uma educação que desenvolva um olhar atento para a promoção de igualdade racial:

Outro aspecto importante a considerar na Educação Infantil é o desenvolvimento de uma educação que promova a igualdade racial, no sentido de apresentar às crianças a realidade existente e provocar reflexões sobre a diversidade humana e o respeito a essa diversidade, isso em relação a todas as raças e etnias que constituem a humanidade. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.16)

Observa-se que o documento, alinhando-se com os ideais de combate ao racismo, instrui os educadores a pensarem a educação como um espaço gerador de reflexões e, sobretudo, de respeito às diferenças. Segundo Solange Jobim, “a criança constrói a consciência de si a partir dos conteúdos sociais e afetivos que esse olhar e essas palavras lhe revelam” (BRASIL/ MEC/SEB, 2016, p.30). Partindo dessa afirmação, constatamos o quanto é necessário que as crianças negras e indígenas conheçam e se sintam pertencentes, na íntegra, à história do seu povo, à sua etnia, que percebam a importância do seus ancestrais e que a história lhe sejam apresentadas sem que tenham diminuídos os seus valores para que possam se reconhecer como seres de potência social e peças importantes na construção da sociedade.

[...] Essa é a importância do trabalho com a promoção da igualdade racial nesta etapa. Se houver uma intervenção qualificada e que não ignore a “raça” como um componente importante no processo de construção da identidade da criança, teremos outra história sendo construída (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.16)

Neste parágrafo, o autor expressa a importância de promover o respeito às diferenças e a “promoção da igualdade racial nesta etapa”. Porém, para que isso aconteça de fato, é preciso estar atento e desnaturalizar o racismo nas pequenas escolhas do dia a dia como, por exemplo: nas contações de histórias infantis que nunca apresentam um protagonista preto, no reforço de estereótipos, na valorização do corpo branco como sendo o ideal e representação da beleza, lidar como “brincadeira de criança” quando presenciar práticas de racismo através do bullying, entre outras coisas. Cabe, dessa forma, a cada educador analisar as suas atitudes, planos de conteúdos, materiais para não perpetuar a desigualdade racial que a escola muitas vezes ajuda a fomentar.

O documento destaca a necessidade de “desenvolver um olhar e uma escuta atenta à cultura”, chamando a atenção do educador para o cultivo do respeito às histórias individuais de cada educando, procurando proporcionar aos alunos condições pedagógicas para que realizem momentos de trocas de vivências e experiências entre si a fim de ampliarem seus repertórios sociais e terem conhecimento da diversidade existente no seu meio (2018, p.17), fazendo-o refletir sobre as diferenças e procurando valorizar a diversidade e, mais que isso, “é preciso que a história dessas crianças e a história de suas famílias possam ser reconhecidas por elas como elementos constituidores fundamentais dos seus repertórios culturais”. (PEREIRA, 2016, p. 56)

Para que isso aconteça é fundamental que bebês, crianças bem pequenas e as crianças pequenas que fazem parte da educação infantil, sejam reconhecidas como indivíduos importantes na construção do seu próprio processo educacional. Não é incomum ouvirmos de pessoas que crianças “não sabem o que fazem” ou que, segundo Locke, são como uma “tábua rasa”, sem conhecimento, seres receptivos e passivos na sociedade, porém, em contrapartida, autores como Saviani (1991), citado no currículo em movimento e autor do pensamento norteador da Pedagogia Histórico-Cultural, afirma que as “as crianças atribuem sentido e atuam sobre o mundo”, logo, acredita-se que as crianças são seres únicos, ativos, que fazem cultura e contribuem de forma positiva na construção da sociedade:

Elas são seres de memória, que vivenciam seu presente e projetam seu futuro. São seres que possuem um corpo que expressa múltiplas linguagens. São seres que se constituem nas e pelas relações sociais e culturais existentes no mundo. Desse modo, as crianças, para além da filiação a um grupo etário próprio, são sujeitos ativos que pertencem a uma classe social, a um gênero, a uma etnia, a uma origem geográfica. São sujeitos sociais e históricos, marcados pelas condições das sociedades em que estão inseridos. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.23)

Dessa forma, podemos afirmar que a criança é um sujeito da cultura, e não apenas objeto dela (BRASIL, 2010a). A criança faz cultura de diversas maneiras: brincando com seus pares, imaginando, articulando falas, tendo ideias e compartilhando-as, desenhando de maneira livre, lutando e defendendo suas convicções, e assim por diante. Tomando essa declaração por base, podemos pensar na importância de educadoras e educadores da educação infantil desenvolverem trabalhos que promovam esse desenvolvimento social.

A cultura da criança que “vivencia o seu presente e projeta o seu futuro” pode ter muito a nos ensinar enquanto educadores que lutam por uma educação antirracista levando em consideração que a escola é um lugar de cruzamento de culturas. As crianças trazem consigo uma bagagem de vida que deve ser valorizada na instituição educacional. É neste espaço que podemos abraçar grandes oportunidades para que haja uma construção nobre de respeito à diversidade através da mediação desses sujeitos. O racismo persiste na atualidade pois é ancorado no apagamento dessa cultura afro-brasileira e indígena e apoiado no silenciamento desses povos. É premente dar voz às nossas crianças, especialmente pretas e indígenas, trabalhando na construção e reconstrução da autoestima e valorização da história desses indivíduos pois “a fase que compreende a Educação Infantil é um tempo de descobrimento de si mesmo e do mundo físico, social e cultural.” (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 25)

Os eixos integradores do Currículo em movimento da Educação Infantil do Distrito Federal “Educar e Cuidar” e “Brincar e Interagir” que foram estabelecidos pela Secretaria de Educação do DF a partir dos eixos norteadores descritos no artigo 9º da Resolução CNE nº 5, de 2009 (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 27), apontam a importância da ludicidade e cuidado na educação infantil, pois, diferente das outras etapas da educação básica como o ensino fundamental e médio, a educação infantil não deve ser categorizada como uma fase preparatória e, sim, um momento da vida e fase crucial para o desenvolvimento integral desses pequenos indivíduos.

Podemos dizer que esses eixos integradores são meios estratégicos que o docente pode usar para interligar as diversas áreas de conhecimento na educação infantil. Sheila Cordazzo e Mauro Vieira em sua pesquisa intitulada de “A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento”(2007) referenciam o autor Leontiev (1994) que aponta que na “atividade lúdica a criança descobre as relações existentes entre os homens”. Ou seja, educar através da brincadeira pode abrir caminhos para trabalhar com as crianças diversas pautas existentes na sociedade como o combate ao racismo, que é o foco deste artigo. Caberá ao docente saber conduzir as atividades.

O eixo integrador “Educar e Cuidar” evidencia a importância do ato educativo não ser exclusivamente baseado no comum, é necessário que vá além e que tenha intencionalidade precisa em todo o processo de educar:

O ato educativo diz respeito não apenas à apropriação do patrimônio cultural da humanidade, expresso nas artes, ciências, tecnologias, tradições, acesso ao qual as crianças efetivamente têm direito, mas, na Educação Infantil, todas as ações se prestam a educar, a apresentar suas tradições culturais às novas gerações e inseri-las na sua sociedade. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.29a)

Por conseguinte, subentende-se que para lecionar na Educação infantil apresentando as tradições culturais e inserindo-as na sociedade, o docente precisa ter repertório cultural para exercer tal função e, o mais importante, precisa saber quem são essas crianças residentes do Distrito Federal, como é a cultura dessa região, como educar a todas essas crianças de modo que a criança negra não seja preterida, que não tenha suas expectativas de “sucesso” reduzidas pela cor de pele ou classe social, que não tenha um ensino tendencioso que perpetue a supremacia branca, que seja validada e encorajada em seus anseios e não reprimida.

O livro “Superando o Racismo na escola”, organizado por Kabengele Munanga, reforça dizendo o “quanto nossas práticas pedagógicas se enriqueceriam se soubéssemos incorporar substantivamente a contribuição negra ao repertório constitutivo de nossa visão do mundo e da nossa humanidade” (2005, p.13). O que significa que se o educador se preocupar em usar fontes e métodos que “fure” o sistema colonial de ensino, fazendo o educando olhar sob outra perspectiva que não a perspectiva que contribua para a perpetuação da hierarquização racial existente na sociedade, pode ser que a educação saia da prisão preconceituosa colonial e, de maneira eficaz, forneça uma educação integral de qualidade para todas as crianças.

O direito da criança de ser cuidada, principalmente quando falamos de crianças pretas em detrimento das crianças brancas no ambiente escolar, é um assunto digno de atenção. Uma pesquisa realizada em uma creche na cidade de Campinas-SP em 2015 por Flávio Santiago (2015) intitulada de “Grito sem palavras: resistência das crianças pequeninhas negras frente ao racismo”, relata como acontece a reprodução do preconceito racial por parte dos professores e pessoas que trabalham no local e como essas crianças pequeninhas reconhecem o racismo nas atitudes tomadas pelas(os) docentes. Uma das atitudes presentes é a forma como as crianças pretas são cuidadas em relação às crianças brancas. O autor relata diversos exemplos de momentos em que o racismo esteve presente nessas ocasiões, desde o momento de pentear os cabelos, onde o cabelo da criança preta era deixado para ser penteado por último porque, segundo a docente, a criança fugia e não gostava de pentear os cabelos porque o “cabelo dela



é assim e tem que puxar pra ficar assentado”(p.139b) até os apelidos para se referirem às crianças pretas como, por exemplo, demônio, enquanto a criança branca era chamada de princesa.

A pesquisa de Flávio (2015) traz indagações pertinentes em relação ao cuidado com nossas crianças e tece comentários de como o educador pode influenciar tanto de maneira positiva como negativa na autoestima dos educandos. Complementando o pensamento de Flavio (2015) com uma citação da doutora Ana Célia da Silva (2005) , em seu artigo “A Desconstrução da discriminação no livro didático” publicado no livro “Superando o Racismo na Escola” que diz:

As denominações e associações negativas em relação à cor preta podem levar as crianças negras, por associação, a sentirem horror à sua pele negra, procurando várias formas de literalmente se verem livres dela, procurando a “salvação”no branqueamento.(SILVA, 2005. p.31)

Sendo assim, cabe ao docente fazer um exercício diário sobre seus ensinamentos, relação com os alunos, a maneira com que educa e, principalmente, sobre suas atitudes, pois essas podem ensinar muito mais. E, como cita o Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal sobre o eixo integrador ”Educar e Cuidar”: “quando as crianças são cuidadas, aprendem também a cuidar de si, dos outros, dos ambientes, dos animais, da natureza.”(DISTRITO FEDERAL, 2018. p.29)

O segundo eixo integrador descrito no currículo: “Brincar e Interagir”, apresenta questionamentos acerca da importância das relações sociais entre as crianças através da brincadeira. De acordo com Leontiev (1994), conforme citado por Scheila Cordazzo e Mauro Vieira (2007, p. 96), é “na atividade lúdica que a criança descobre as relações existentes entre os homens”. Paralelamente, o Currículo afirma que:

A maneira como as relações sociais acontecem, no âmbito da instituição de educação para a primeira infância, influencia na qualidade do processo de aprendizagem e desenvolvimento. Em vista disso, o coletivo, a troca de experiência, a relação com os objetos, pessoas e os elementos sociais e culturais contribuem para a constituição de vínculos com o outro e com o conhecimento, a curiosidade, o espírito investigativo, criativo e imaginativo. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.30)

Portanto, pode-se afirmar que através da brincadeira e das interações sociais uma criança pode adquirir, além dos aprendizados gerais, valores importantes para viver em comunidade. Além disso, ao conduzir uma brincadeira, o docente consegue criar espaços leves

e dinâmicos para tratar de assuntos mais complicados, fazendo com que a criança entenda, do modo e no tempo dela, como viver em sociedade, conhecendo seus direitos e os direitos dos outros, respeitando e sendo respeitada.

Diante de tudo isso, sugerem-se algumas perguntas que podem orientar a vivência da brincadeira no cotidiano da instituição de Educação Infantil: [...] de que maneira organizar e incentivar brincadeiras que quebrem os estereótipos de gênero e etnia? Como articular as brincadeiras e interações com as experiências da comunidade? Como preservar a memória cultural popular e vinculá-la às novas tecnologias? Como observar, acompanhar e participar das brincadeiras para estabelecer vínculos e contribuir para o desenvolvimento da criança? (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 31)

Isto posto, o currículo em movimento nos convida a repensar a intencionalidade das nossas ações, memorando o nosso papel enquanto educadores e seres sociais, fazendo refletir e instigando a criatividade sobre nossos movimentos em sala de aula desde o momento da brincadeira e desenvolvimento das relações, até o ato de organização do trabalho pedagógico, como, por exemplo, instigar o pensamento crítico em torno das datas comemorativas:

Coletivamente, promover a crítica e a reflexão em torno das datas comemorativas auxilia na problematização de experiências curriculares. O que importa é tornar datas e festas carregadas de sentidos para as crianças, colocando, como centro do planejamento curricular, as aprendizagens dos estudantes, seu desenvolvimento e sua cidadania. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 36)

Problematizar individualmente e coletivamente o fato de falar sobre a cultura afro-brasileira apenas na semana do dia da Consciência Negra, no dia 20 de novembro, é um bom começo para estabelecer mudanças nos calendários pedagógicos.

Posteriormente, o currículo em movimento também aborda a perspectiva de educação inclusiva para além da inclusão de pessoas com necessidades específicas, o documento oficial reconhece a necessidade de englobar o respeito à diversidade humana em todos os âmbitos:

Dessa forma, a perspectiva de educação inclusiva deste Currículo engloba o acolhimento e respeito à diversidade humana em todos os seus aspectos: étnico-raciais, gênero, classe social, idade, credo, bem como o respeito às peculiaridades das diversas populações: do campo, quilombolas, indígenas, estrangeiras, assentadas e acampadas da reforma agrária, de povos tradicionais, entre outras. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 49)

O quadro 1 a seguir é referente ao campo de experiência em que é proposto que “as crianças descubram a si mesmas, aos grupos das quais fazem parte e a outros coletivos, no sentido de formar sua identidade e alteridade.”(DISTRITO FEDERAL, 2018, p.63). O autor apresenta a importância do fortalecimento das crianças nos grupos a qual fazem parte e, ao mesmo tempo, no estímulo ao respeito àqueles que não fazem parte do mesmo grupo, incentivando o respeito à diversidade humana. (2018,p.63)

**Quadro 1- Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento 1º Ciclo:**

EIXOS TRANSVERSAIS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE / CIDADANIA E EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS / EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE		
EIXOS INTEGRADORES – CUIDAR E EDUCAR / BRINCAR E INTERAGIR CAMPO DE EXPERIÊNCIA – O EU, O OUTRO E O NÓS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO 1º CICLO		
BEBÊS (0 a 1 ano e 6 meses)	CRIANÇAS BEM PEQUENAS (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	CRIANÇAS PEQUENAS (4 anos a 5 anos e 11 meses)
<ul style="list-style-type: none"> <li>Interagir com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos, percebendo que suas ações têm efeitos nas outras pessoas e constituindo relações de amizade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demonstrar empatia pelos outros, percebendo que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e nas interações das quais participa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demonstrar imagem positiva de si e confiança em sua capacidade para enfrentar dificuldades e desafios.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Agir de maneira independente, com confiança em suas capacidades, reconhecendo suas conquistas e limitações.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Interagir com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos ao experimentar espaços, objetos e brinquedos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compartilhar os objetos e os espaços com crianças de diferentes faixas etárias e com adultos e negociar sua participação em brincadeiras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo afeto, atenção, limites e atitudes de participação e cooperação.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicar necessidades, desejos e emoções, utilizando gestos, balbucios, palavras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicar-se com seus pares e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Comunicar suas ideias e sentimentos a pessoas e grupos diversos, por meio de contatos diretos ou possibilitados pelas tecnologias da comunicação.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber seu corpo e expressar suas sensações em momentos de alimentação, higiene, brincadeira e descanso.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber que as pessoas têm características físicas diferentes (altura, etnia, preferências, local de moradia), respeitando e valorizando a diversidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Demonstrar valorização das características de seu corpo (cor dos olhos, cabelos, pele) e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Perceber limites e regras nas relações interpessoais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer, utilizar e negociar regras básicas de convívio social nas interações, nas brincadeiras e no uso de espaços diversos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Compreender que as regras são passíveis de questionamento, discussão e reformulação entre os elementos do grupo.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>Resolver conflitos nas interações e brincadeiras, com a orientação de um adulto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Usar estratégias pautadas no respeito mútuo para lidar com conflitos nas interações com crianças e adultos, com a orientação de um adulto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver o senso de resiliência (saber perder, saber ganhar, aceitar a opinião das outras pessoas, reconsiderar seu ponto de vista).</li> </ul>

CAMPO DE EXPERIÊNCIA  
O EU, O OUTRO E O NÓS

Fonte: Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, 2018, p. 65.

Logo, gostaria de destacar, como pode se observar no quadro 1, que é esperado de uma criança entre 4 e 5 anos e 11 meses que ela saiba “demonstrar valorização das características de seu corpo” e “respeitar as características dos outros com os quais convive”. Assim sendo, o currículo em movimento propõe aos educadores que:

[...] os profissionais da educação devem proporcionar situações para que elas compreendam e internalizem a organização da sociedade, as diferenciações dos grupos sociais, as maneiras de viver e de trabalhar, o sentimento de pertencimento aos grupos sociais, dentre outros elementos que constituem a vida cultural humana. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 64)

Esse é um método prático de como desenvolver o respeito à diversidade humana já na primeira infância e, como consequência, combater o racismo, evidente se feito pelos profissionais da educação de maneira descolonizada, propondo atividades que de fato sejam antirracistas, “apresentando jogos e brincadeiras de origem africana, indígena e europeia que

deram origem à população brasileira, por exemplo, devem ser considerados para o planejamento das ações na Educação Infantil”. (2018, p. 68)

### **Considerações Finais**

Por meio da análise documental do Currículo em Movimento da Educação Infantil do Distrito Federal, observou-se que o tema combate ao racismo está presente no documento. Embora ainda seja pouco explorada para a importância social que tem, o documento faz menções sobre respeito e valorização da cultura afro-brasileira e indígena além de destacar a importância da diversidade humana, promoção de um olhar atento para as crianças pretas e indígenas a fim de promover uma igualdade racial através da educação para que se sintam pertencentes e pensar a educação como um espaço gerador de reflexões e de respeito às diferenças. O documento também elucida aos educadores como podem colocar em prática tais atividades.

Diante do exposto da pesquisa bibliográfica realizada, assentimos que é de extrema importância e urgência que as ações de combate ao racismo na educação infantil propostas no currículo em movimento sejam colocadas em prática, pois, como diz Paulo Fochi (2023) “cuidar da Educação Infantil é cuidar dos começos” e acreditando que a educação é um poderoso instrumento de transformação social, é lutando por uma educação de qualidade para todos, que respeita e sobretudo valoriza a diversidade humana, que conseguiremos evoluir enquanto sociedade

Lutar contra o racismo é um dever de todos. Eu, como mulher preta em um país racista, primeira graduada em uma universidade pública na minha família e agora mãe da pequena Eloá, usarei todas as minhas armas para lutar por uma sociedade em que conta a história do povo preto pelo olhar dos meus ancestrais, que reconhecem as lutas, mas que, sobretudo, valorizam o seu saber, a sua cultura, a sua cor de pele e a riqueza do continente africano, para que crianças pretas, como eu fui um dia, não precisem passar pelo o que passei. O futuro “bem-sucedido” também nos pertence. Como aponta Fernando Henrique Cardoso (2000) em sua contribuição no livro “Superando o Racismo na Escola”: “Não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio. Não era por acaso que o nazi-facismo queimava livros.” (CARDOSO, 2000, p.10)

## Referências

DISTRITO FEDERAL. Currículo em movimento da educação básica: educação infantil. Secretaria de Estado de Educação do DF. Brasília, 2014

LIMA, ALEXANDRE DE ARAÚJO et al. Superando o racismo na escola. Revista Em Favor de Igualdade Racial, v. 2, n. 2, p. 106-115, 2019.

SANTIAGO, Flávio. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. Educação em Revista, v. 31, p. 129-153, 2015.

ALVES, Luciana. TEIXEIRA, Daniel. SANTOS, Winnie Nascimento dos. A Educação da infância e combate ao racismo: a implementação da Lei nº 10.639/2003 na percepção de professores e professoras. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V. 103 n. 264, 2022.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Ser Criança na Educação Infantil: Infância e Linguagem. Caderno 2 PNAIC. 2016. Brasília. Acesso em: março. 2023

DA SILVA, Stefânia; MONTEIRO, Stephanie Souza; RODRIGUES, Marinéa Figueira. A importância da Educação Infantil para o pleno desenvolvimento da criança. Revista Mosaico, v. 8, n. 2, p. 30-38, 2017.

BANDEIRA, Monique Vieira Amorim; DANTAS, Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto. Currículo em movimento: Trajetória e concepções. Revista e-Curriculum, v. 19, n. 1, p. 390-404, 2021.

DA SILVA, Stefânia; MONTEIRO, Stephanie Souza; RODRIGUES, Marinéa Figueira. A importância da Educação Infantil para o pleno desenvolvimento da criança. Revista Mosaico, v. 8, n. 2, p. 30-38, 2017.

LEITE, Carlinda et al. Currículo, Avaliação, Formação e Tecnologias educativas (CAFTE): contributos teóricos e práticos. 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005.

DE SANTANA, José Valdir Jesus et al. Educação e relações étnico-raciais em uma turma do 5º ano de uma escola municipal de Itapetinga-BA: o que dizem as crianças? *Humanidades & Inovação*, v. 5, n. 4, p. 38-56, 2018.

GONÇALVES, Sheila Cristina; DA SILVA, Priscila Aleixo. As dificuldades da implantação da lei 10.639/2003 e algumas de suas implicações. *CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, n. 28, 2018.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 7, n. 1, p. 92-104, 2007.

SANTIAGO, FLAVIO. “Não é nenê, ela é preta”: educação infantil e pensamento interseccional. *Educação em Revista*, v. 36, p. e220090, 2020.

SILVA, Ana Célia da. “A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático” *in* MUNANGA, Kabengele (org.) . – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CARDOSO, Fernando Henrique. “Prefácio à 2ª impressão” *in* MUNANGA, Kabengele (org.) . – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEREIRA, Rita Ribes. “Infância e Cultura” *in* *Ser criança na educação infantil: infância e linguagem / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica*. - 1.ed. - Brasília: MEC /SEB, 2016.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O elo perdido do giro decolonial. *Dados*, v. 60, p. 505-540, 2017.

SANTOMÉ, Furjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Alienígenas na sala de aula- uma introdução aos estudos culturais em educação*. Ed. Vozes. 11º ed. Petrópolis. RJ, 2013.

CORDAZZO, Scheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, jun. 2007

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2005.

### **Perspectivas futuras**

Durante a minha graduação tracei muitos planos e sonhei bastante com a construção da minha carreira após finalizar a minha graduação em Pedagogia, inclusive, já “recalculei a rota” diversas vezes. Agora, o meu desejo é buscar especializações, continuar estudando para me manter atualizada e me dedicar a fazer as provas de concursos para a Secretaria de Educação do Distrito Federal. Almejo ser referência na luta contra o racismo dentro das escolas e fazer a diferença na sociedade através da minha profissão. Daqui pra frente, me dedicarei a vencer os novos desafios que surgirem e me empenharei a conquistar todos os meus objetivos, servindo à Educação, sempre ensinando e aprendendo.